VOCÊ SABE ASSOBIAR?

1ª Edição

Rio de Janeiro

2010

Autor:
José Mauro dos Santos
e-mail: prof. jmauro@ig.com.br

Coordenação, Assessoria de Texto e Projeto Editorial:
Lúcia Stela de Moura Gonçalves
Jornalista MTb – DRT/RJ 14.700

Santos, José Mauro dos
VOCÊ SABE ASSOBIAR ?

Rio de Janeiro, 2010, 85 páginas.

Palavras chave:
1. Jesus; 2. Fé; 3. Catecismo; 4. Primeira Comunhão; 5. Amor ao Próximo; 6. Eucaristia; 7. Transcendência; 8. Ser Humano; 9. Sonhos; 10. Conquistas; 11.Globalização; 12. Avanço Tecnológico; 13.Transformações; 14. Comemoração; 15. Situação-limite; 16. Esperança; 17. Atitude; 18. Solidariedade; 19. Liberdade; 20. Vocação; 21. Dimensão Social; 22.Sonhos.

Registrado na Fundação Biblioteca Nacional - Ministério da Cultura – Direitos Autorais - Sob nº 445.661 Livro: 836 Folha: 321
Rio de Janeiro – Brasil.

Todos os Direitos reservados para José Mauro dos Santos.
Contato para palestras, aulas e consultoria: Prof. José Mauro dos Santos.
Telefone: 21- 3767-7399 / 2201-7225

APRESENTAÇÃO

Quando escrevi meu primeiro livro, ***DESPERTAR***, foi a José Mauro dos Santos que pedi para escrever a Apresentação; além do lindo texto, ainda recebi como presente o próprio título do livro. A segunda edição, complementada, teve um novo texto seu de Apresentação – mais um presente, que me emocionou.

De novo, sou presenteada por este amigo e Ser muito mais do que Humano, que me pede para escrever esta Apresentação. Parece até um jogo de ping-pong, e dos melhores, que tanto marcaram a nossa infância.

Este é o destino desta obra. ***VOCÊ SABE ASSOBIAR?*** Irá deixar sua marca na vida de cada leitor: seja porque evoca uma descoberta na vida de toda criança – o ato de assobiar -, seja pelas mensagens que traz, a partir da vivência do Autor e dos seus entrevistados, que atrelam este singelo ato e esta simples e emocionante experiência a ações e fatos concretos em suas trajetórias pessoais e profissionais.

Esta é a missão de José Mauro dos Santos. Como um educador nato, basta com ele conviver para termos a certeza de que aprendemos algo mais sobre a vida e o relacionamento humano. Ficam explicadas suas decisões profissionais, sempre em prol do crescimento como indivíduo e cidadão consciente de seus dons – o da escrita e o do ensino. A esses valores, acrescente-se o fato de José Mauro jamais desacreditar nos seus sonhos, e seguir a

trilha não somente para realizá-los, mas também para instigar amigos, alunos e colegas a irem em busca dos seus.

Como jornalista, aprendi que temos de ser imparciais, nos textos e matérias, o que sempre questionei, desde os bancos da faculdade, há mais de duas décadas... Como assessora editorial, fico bem mais confortável para romper esse paradigma funcional, e assumir, também, a posição de amiga, totalmente parcial neste texto e no sentimento, para afirmar: José Mauro, voltei a assobiar, ainda que a infância esteja há décadas passadas... E está sendo muito bom!

Lúcia Stela de Moura Gonçalves
Assessora Editorial
Jornalista

Introdução

Ao ler o livro *Histórias Que Eu Conto*, de Margarida M. L. Silva (1), fiquei impressionado com a história que ela relata de um menino pobre do Amazonas. Seu resumo é o seguinte: o lugar era paupérrimo, com muitas crianças subnutridas, a maioria com verminose, e uma bela capelinha de sapé. O missionário, Padre Hugo, fora designado para aquele lugar. O Natal estava próximo, e padre Hugo estava muito animado, pois um grupo de adultos e crianças iria fazer a primeira comunhão.

Ao conhecer aquele grupo, o sacerdote sentiu um carinho especial por uma criança muito humilde, participativa, chamado Manuelzinho, mas que tinha uma grande dificuldade de decorar as lições de catecismo. Sem decorá-las, ele não poderia fazer a Primeira Comunhão, apesar de ser uma criança solidária, prestativa, participativa, curiosa e educada, além de muito simples. Não, aquele menino não estava apto àquela bênção: suas ações até o teriam aprovado, mas o mais importante era decorar as lições, pois isso dava o passaporte para a Primeira Eucaristia.

Padre Hugo estava muito triste, pois não conseguia entender como aquele menino, que vivia o Evangelho, não conseguia decorar as orações, nem responder as suas perguntas. Infelizmente, ele não estava mesmo preparado. Havia, entretanto, uma forma de recompensá-lo. Chegara do Sul do país um enorme embrulho, com roupas, balas, biscoitos etc. Ao abrir os pacotes, os meninos encantaram-se com uma calça toda moderninha: as crianças queriam saber quem seria o felizardo a

ganhar aquele presente tão cobiçado por todos. Padre Hugo pensou logo no Manuelzinho, que só tinha um shortinho, muito surrado pelo tempo, e o presenteou com a calça. O menino ficou muito feliz, mas, na verdade, naquela noite de Natal, o presente que ele mais queria era receber o Jesus Menino no seu coração, entretanto, ele nada poderia fazer, afinal, ele tinha uma imensa dificuldade de guardar as coisas na cabeça. O padre, com esse presente, sentiu-se um pouco mais aliviado.

Ao chegar a noite, na hora da missa, para sua surpresa, o menino estava vestido com o mesmo short surrado. Padre Hugo ficou surpreso e incomodado com aquilo: será que a calça não servira? Chamou o menino e perguntou: "Você não gostou do presente, meu filho?" O menino respondeu: "Não é isso, Padre, eu gostei muito, mas me lembrei que a minha professora de Catecismo me disse que se a gente desse alguma coisa de coração para alguém mais pobre que a gente, é a Deus que *nós tá dando*. Dei para o meu vizinho, que há muito tempo não vinha à Missa, pois ele só tinha uma *cuequinha*, então, eu só queria dar um presente ao Deus menino".

As lágrimas escorriam dos olhos do Padre, que imediatamente pensou: "Achei que ele não soubesse o Catecismo".

O Padre celebrou aquela missa como nunca havia celebrado antes, a sua Homilia foi a história daquele menino, e, na hora da comunhão, chamou o Manuelzinho e disse-lhe: "Venha Manuel, participar da ceia do Senhor, você foi o que entendeu melhor as palavras de Nosso Senhor, e nada mais justo do que você cear com ele". E Manuelzinho, com o coração cheio de amor, fé e felicidade, recebeu Jesus, na Primeira Comunhão!

Isso me faz pensar nos nossos sistemas religioso, educacional, econômico e político, que dão tanto valor ao que precisa ser decorado, e muito menos valor ao que é vivido: "Você tem de decorar esta oração. Se você não aprender a decorar não vai passar no vestibular. Decora o nome ou o número desse candidato, pois ele é muito bom" são frases do nosso dia-a-dia. O sistema atual não está preocupado em nos ensinar a pensar, mas sim a decorar as fórmulas antigas, para que nada mude. Lembro-me de Paulo Freire falando da sua missão como educador, em uma de suas aulas de alfabetização para jovens e adultos: "Reencantar as pessoas para que elas acreditem na possibilidade de construírem um mundo diferente daquele que receberam." Esta era a sua preocupação como educador, diante da sua missão.

Nosso sistema educacional, ainda está muito longe dessa missão, não há uma preocupação em reencantar crianças, jovens, adultos e idosos aprendizes para formar cidadãos encantados e pensantes, que possam contribuir para um mundo diferente do atual, de miséria, injustiça, individualismo, competição acirrada, exclusões.

Lembro-me de um fato que me aconteceu, na sala de aula, quando eu tinha sete anos de idade. Minha professora resolveu verificar quem naquela sala não estava cumprindo as "leis" da higiene (orelhas, uniforme, unhas etc.). Fui selecionado, com mais umas dez crianças, e fomos obrigados a ficar na frente da classe. A professora deu a sentença de condenação, e os colegas nos fuzilaram com uma vaia, que nos deixou marcados para sempre. Ficamos todos constrangidos; fomos humilhados. Éramos apenas crianças, queríamos acreditar num mundo diferente, que valorizasse nossos sonhos, que nos ensinasse

sobre a importância da higiene diária, mas, daquela forma, fomos massacrados.

A professora mostrou que a escola também era um lugar para condenação e punição, onde não havia lugar para sonhos, mas sim, para nos tornarmos crianças inseguras, medrosas, submissas, dóceis, fáceis de sermos domesticadas. Por muito tempo, eu não conseguia nem tirar dúvidas; queria perguntar, mas não conseguia, porque uma força muito maior me impedia. Dessa forma, me tornei um aluno com bons conceitos, mas também um grande "engolidor de sapos". Fui uma criança insegura, complexada mesmo, e um adolescente cheio de dúvidas, com medo de perguntar e questionar.

Sei que muitos professores foram grandes exemplos para nós, mas também houve aqueles que foram verdadeiros carrascos, que nos deixaram marcas terríveis, dando-nos de presente um "currículo oculto", pois, muitas vezes e até hoje, temos muitas reações que não gostaríamos de ter, mas que infelizmente, na nossa infância, na nossa vida acadêmica, no dia a dia, nos foram ensinadas, de modo que nos esquecêssemos de assobiar livremente.

E me pergunto: o que fizeram de mim?

O que fizeram de mim? Quantos professores, religiosos, catequistas, familiares, amigos, governantes e outras pessoas marcaram minha vida de forma negativa? Carregamos dentro de nós este enorme "currículo oculto", que tanto atrapalha a nossa vida acadêmica, profissional, social, sentimental e espiritual.

Mas, assim como Manuelzinho, que não desanimou em nenhum momento, existe um menino solidário dentro da gente, que, como Paulo Freire, aspira reencantar o mundo, tanto as pessoas que convivem conosco, como os que vamos conhecendo, porque queremos construir uma sociedade melhor, menos egoísta, menos competitiva e desumana, e muito mais solidária, humana e participativa.

O objetivo deste livro é despertar nas pessoas a arte de assobiar, por meio de filmes, contos, histórias verídicas, palestras, trabalhos em grupo e exemplos de vida. Pessoas que, com vida e gestos simples, reencantam quem as conhece e reacendem as nossas esperanças de uma vida melhor.

Isto é possível, tenho certeza!

Boa leitura.

(1) ***Histórias que eu conto,*** Margarida M.L.Silva, Editora Rosa Mística Ltda.